

# O projeto Encontros com a Memória e Educação Patrimonial<sup>1</sup>

GIANE MARIA DE SOUZA\*

## Introdução

A Estação Ferroviária de Joinville, fundada em 1906, foi tombada pela Fundação Catarinense de Cultura em 1996 e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2007. Em abril de 2008 foi reinaugurada como Estação da Memória, unidade da Fundação Cultural de Joinville – um espaço cultural destinado a abrigar o Memorial da Ferrovia e do Transporte e a Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

Os ambientes da antiga Estação Ferroviária foram recompostos em diversos espaços expositivos como: 1) Mostra de Salvamento Arqueológico – esta exposição retrata os resultados das pesquisas arqueológicas realizadas no entorno da edificação para sua revitalização, esse trabalho foi coordenado pelo Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville; 2) Sala de bagagem - exposição de equipamentos e instrumentos de trabalho ferroviário - os artefatos foram consignados em comodato pela Rede Ferroviária Federal S.A; 3) Bilheteria - Memorial de Joinville está localizado no saguão central, onde painéis ilustram o patrimônio cultural e histórico do município; 4) Sala do chefe – simbolicamente representa um antigo setor administrativo da rede; 5) Auditório - encontra-se na antiga sala de espera, é imponente por ainda preservar mobiliário de época e prospecções de pinturas parietais, destina-se hoje a exibir audiovisual ao

---

<sup>1</sup> Esse texto foi elaborado em conjunto com KORMANN, Aline Dias; SOUZA, Giane Maria de; MAIA, Carla; e MUNIZ, Ingrid. Esse texto foi apresentado originalmente para os Cadernos Darcy Ribeiro (no prelo) em virtude do Prêmio de Educação em Museus promovido pelo Ibram – Instituto Brasileiro de Museus - Prêmio Darcy Ribeiro 2011, no qual o projeto Encontros com a Memória recebeu Menção Honrosa e ficou entre os 14 melhores projetos de educação em museus do Brasil. De Santa Catarina, somente a Estação da Memória foi agraciada com essa premiação. Importante, lembrar que no Prêmio Rodrigo de Mello Franco Andrade, também a Estação da Memória com os Encontros com a Memória foram os selecionados para representar Santa Catarina na disputa federal. No XXVI Simpósio Nacional de História da Anpuh, somente Giane Maria de Souza irá apresentar o trabalho desenvolvido e coordenado pelo Setor Educativo da Estação da Memória.

\* Giane Maria de Souza é historiadora e mestre em História e Filosofia da Educação pela Unicamp. É educadora de museus na Fundação Cultural de Joinville, Santa Catarina.

público visitante; 6) Plataforma – os painéis expostos foram organizados pelo Arquivo Histórico de Joinville e apresentam cronologicamente a linha férrea de São Francisco do Sul e suas interfaces econômicas, sociais e culturais na região.

O Setor de Educação foi implantado na Estação da Memória a partir de sua inauguração. O grupo formado por Giane Maria de Souza e Ingrid Muniz de Lima Diniz - educadoras de museus, Aline Dias Kormann e Silvania Bento Noschang – monitoras de museus, as estagiárias de história Terezinha Barbosa Rocha, Rosana de Borba, Priscila Gonçalves e Ariane Cristina Batista e a estagiária de pedagogia Juliana Lamin, constatou que o espaço havia sido inaugurado, porém não planejado e que havia a necessidade de se criar um programa de educação patrimonial.

A dificuldade de levantamento de registros pertinentes à história da Estação e a lacuna existente sobre o período de seu funcionamento foram os primeiros obstáculos encontrados, ao mesmo tempo serviram de estímulo para o desenvolvimento de uma pesquisa que subsidiasse a elaboração de um projeto pedagógico.

Desde a revitalização da edificação, a convivência da equipe do educativo com os ferroviários e seus familiares foi uma constante. Nostalgicamente, eles se relacionavam com o espaço, o que impulsionou as trabalhadoras do setor a pensar um programa de Educação Patrimonial que privilegiasse, enfim, os trabalhadores e suas histórias, muitas vezes invisibilizados no processo histórico.

A fim de registrar as histórias coletivas e individuais dos ferroviários sobre a Estação – lugar de trabalho/lugar de memória - foi traçado um planejamento constituído em etapas. A intenção era promover encontros com os ex-ferroviários e seus familiares para salvaguardar as lembranças por meio de recursos metodológicos da história oral, do audiovisual e da iconografia. Como um dos resultados se ressalta a promoção e a interação do objeto – memória dos trabalhadores – com a apropriação e o reconhecimento do espaço público pela comunidade.

Os encontros seriam um meio e não um fim. Em dois anos de trabalho, uma instituição recém criada elaborou um programa de educação patrimonial, a fim de cumprir com as prerrogativas do Conselho Internacional de Museus (ICOM), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Os Encontros com a Memória serviriam de subsídio para o desenvolvimento de atividades pedagógicas que registrassem, salvaguardassem e

tornassem pública a memória coletiva e individual dos trabalhadores ferroviários e de seus familiares, assim como do município de Joinville. Importante ressaltar que o projeto Encontros com a Memória foi laureado no Prêmio Darcy Ribeiro de Educação em Museus em 2010 e foi indicado para representar Santa Catarina para concorrer na categoria Educação Patrimonial no Prêmio Rodrigo de Mello Franco de Andrade edição de 2010.

### **Encontros com a Memória**

O programa de educação patrimonial da Estação da Memória iniciou em 2008, dividido em quatro linhas de pesquisa e atuação: 1) Memória da Ferrovia e da Indústria-grupo de trabalho que desenvolveu pesquisas de fontes documentais e levantamento bibliográfico sobre a história da ferrovia e da indústria de Joinville e região; 2) Grupo de estudo sobre patrimônio material, imaterial e educação patrimonial; 3) Encontros com a Memória - estudos sobre memória e história oral, projeto este aplicado aos ferroviários, seus familiares e todos aqueles que tiveram ou possuem relações identitárias com a ferrovia; 4) Registro, Compilação e Publicação - consistem em recolhimento de artefatos, organização de acervo iconográfico, fontes orais e documentais relacionados à história da Ferrovia, assim como a divulgação dos resultados.

Os Encontros com a Memória, a partir de 2009, aconteceram periodicamente e receberam um público de aproximadamente 50 pessoas. A abordagem prévia era realizada pela monitoria da Estação que identificava, entre os visitantes, possíveis participantes do projeto considerando critérios identitários. A participação da comunidade foi determinante para o surgimento dos Encontros, o público se dividia entre aqueles que trabalharam na Estação Ferroviária em Joinville ou em outras partes do Brasil e aqueles que possuíam laços afetivos com a edificação. Parentes de ferroviários, residentes ou trabalhadores do entorno das linhas férreas, colecionadores, ou simplesmente apreciadores dessa modalidade de transporte também eram alvo do projeto.

Esses encontros seguiram as diretrizes apontadas pela gestão em cultura no âmbito federal e municipal para a promoção da cidadania, preservação da cultura material e imaterial, já que o IPHAN<sup>2</sup> (2000) preconiza que fazem parte do patrimônio histórico cultural material e imaterial: os ofícios, as edificações e os lugares de memória.

Meu pai também era bilheteiro, trabalhava na bilheteria que até hoje é conservada ali. Eu sinto orgulho, e sinto até um pouco de tristeza, porque lembro do meu pai. E eu lembro que teve uma época que teve até um ingresso, [...] A pessoa não ia viajar, mas a pessoa comprava um bilhete só para ter acesso a plataforma [...] ver o trem chegar. (FERREIRA, 2009)

A memória tornou-se um instrumento valioso para se entender e recontar as vivências cotidianas, os trabalhos, e as sociabilidades da edificação. O projeto Encontros com a Memória reuniu durante um ano, trabalhadores ferroviários e seus familiares numa tentativa pedagógica de se tecer a fina e delicada malha da história, sob a ótica de seus protagonistas, numa verdadeira relação dialógica e dialética de ouvinte e narrador. O presente redescobre o passado para vislumbrar o futuro, como aponta Ecléa Bosi (2004: 90): “Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos”.

A memória descortinou um cenário histórico que se mostrou denso. A preocupação em registrar as lembranças sob o ponto de vista de quem viveu o trabalho, o lugar e a edificação serviram para elucidar as histórias da cidade e transformar o espaço museológico em uma vivência mais concreta, mais viva e mais humana.

As falas nos Encontros eram desencadeadas por recursos pedagógicos que estimulavam o processo de recordar. Atividades lúdicas, como um simples quebra-cabeça ajudaram os participantes a reorganizarem mentalmente a cartografia da Estação Ferroviária no período de funcionamento.

---

<sup>2</sup> MANUAL DE APLICAÇÃO DO INVENTARIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. *Como Ler o INRC*. IN: MinC/Iphan. Brasília, 2000.

[...] no tempo que eu trabalhava aqui tinha relógio lá em cima, aqui era a entrada da Estação, ali o telégrafo trabalhava [...]. E aqui o pessoal tinha a bilheteria [...] É isso aí. Eu nasci aqui e moro aqui, não tem coisa melhor. [...] Ali, onde descarregava uma base de 150 vagões por dia, ali é a Arena. E aquilo foi do tempo do meu pai, transportavam mercadoria para o Brasil inteiro, Cipla, Hansen, Steim, Tupy, tudo dentro da Maria Fumaça, o guarda-freio que apertava o freio lá em cima está lá hoje. De primeiro era vapor era fraco agora é diesel. (CONCEIÇÃO, 2009).

Existiam momentos em que a memória precisava ser arguida de outras formas. Com o auxílio de audiovisual projetavam-se imagens e vídeos acerca da história da cidade de Joinville. Aos poucos o entorno se remontava e as pessoas começavam a lembrar dos comércios, dos hotéis que recebiam os viajantes, das festas e comemorações que eram realizadas na plataforma. Dona Lila, filha de maquinista, relembra esse tempo com saudosismo, pois, segundo ela as festividades de ano novo e natal eram comemoradas na Estação, cada família ficava responsável por trazer uma cuca, um doce, uma rosca<sup>3</sup>. Ela conta que os ferroviários eram muito respeitados e importantes na cidade pelo fato de trabalharem na rede: “Certa vez eu e minhas amigas fomos ao Cine Palácio, na volta para casa, sem ter como pagar o táxi, o taxista deixou que pagássemos depois, pois conhecia o meu pai, que era maquinista na Estação Ferroviária de Joinville”. (SILVA, 2009).

As histórias permeavam os Encontros com a Memória, porque o trabalho e a vida privada se confundiam e estabeleciam conexões muito próximas. Os ferroviários relatam que era comum trabalharem além do horário previsto pela legislação. Por esse, entre outros motivos, muitos moravam no entorno, ou então dentro da Estação Ferroviária.

[...] aqui era uma sala onde nós fazíamos um dormitório, eu e mais dois colegas, esta parte aqui de baixo, inferior, era o serviço de faturamento, diariamente tinha o armazém ali, eles mandavam as notas e nós faturávamos, saía uma base de mais ou menos diariamente de duzentas, trezentas faturas. Depois, mais no lado tinha o telégrafo, ali eu trabalhei muitos anos. (OLIVEIRA, 2009).

---

<sup>3</sup> A gastronomia local possui influências étnicas diversificadas. Dona Lila, quando se refere aos pratos trazidos para a Estação, fala de comidas com influências germânicas como a “cuca” (bolo doce com cobertura de farofa) e a “rosca” (ingrediente básico de polvilho).

Edgar Leichsering, telegrafista, datilografou uma carta e entregou especialmente para o projeto, quando foi entrevistado em sua residência. No texto relata como iniciou sua carreira de telegrafista na Estrada de Ferro e depois na Aeronáutica. Também atenta para a quantidade extra de horas trabalhadas e da precária remuneração.

O telegrafista trabalhava geralmente das 6 da manhã mais ou menos 9 de noite. Mal tinha-se uma folga semanal. Trabalhei desde 1929 a 1933 com vencimentos de 170,00 mil réis, ficando o desconto de um mil réis para a contribuição da aposentadoria, ficando o salário \$169,00. Nunca tive aumento. Verdade, não havia inflação. (LEICHSERING, 2009).

Uma das características do projeto sempre foi sua transversalidade, as teias da memória se entrecruzavam entre o trabalho e o lar, entre o pessoal e o profissional. Percebe-se facilmente esta relação entre os ferroviários. Ao considerar esse aspecto, o projeto não se limitou ao território físico e geográfico da Estação. A equipe de educação por diversas vezes se deslocou até as residências dos participantes a fim de criar condições que favorecessem e aflorassem as lembranças. Observa-se que em muitas residências retratos e objetos referenciavam os anos trabalhados na Rede. Verdadeiros simulacros são criados no intuito de representar materialmente as lembranças. Muitas vezes esses objetos eram trazidos para os Encontros e doados pelos ferroviários para a Estação, numa tentativa de musealizar (coletivizar) aquilo que já estava patrimonializado individualmente.

Os Encontros com a Memória propiciaram vários encontros. Encontros de gerações, familiares, antigos colegas, namorados, vizinhos e principalmente, um encontro entre aqueles que trabalharam na Estação e aqueles que ainda trabalham. Dona Conradine, primeira engenheira mulher da Rede Ferroviária do Sul do Brasil afirma:

Segundo o engenheiro presidente do Instituto de Engenharia e Diretor Superintendente da R.F.F.S.A. – ‘O ferroviário legítimo jamais esquece a ferrovia porque é o magnetismo dos trilhos, quer dizer, ele é atraído. Usando a linguagem simbólica, é algo do qual ele nunca mais se separa. Eu não fujo a regra, vocês não fogem a regra’. (TAGGESEL, 2009).

O patrimônio cultural ultrapassa o entendimento do material e do objetivo, da edificação e das linhas férreas, para adentrar no campo do subjetivo e intangível. A Estação Ferroviária foi importante para a economia, para a cultura, para a sociedade, o que lhe garante o *status* de patrimônio histórico cultural tombado pelo Estado. Porém, o imaginário, as representatividades, as afetividades e as memórias não são passíveis apenas de atos burocráticos.

Nesse sentido, a educação patrimonial atua de forma determinante. O registro, a salvaguarda e a publicização são ferramentas que possibilitam a preservação, mas não lhes garantem a permanência, nem tampouco sua (re) existência. A apropriação da comunidade dá sentido a comunicação museológica e possibilita novas apreensões sobre o espaço. As memórias e as lembranças daqueles que aqui trabalharam marcaram profundamente a história do lugar e patentearam no espaço novas fisionomias.

[...] eu gostava quando tinha o trem, que vinha chegando, aí tinha bastante gente aqui comprando passagem, daí me sentava ali e fazia de conta que ia viajar. Ficava um tempo lá e depois passava na roleta. Na roleta eu gostava de passar quatro ou cinco vezes. [...] o meu pai era Mestre de Linha [...] ele pegou o trem quando ele ia entre Jaraguá e Guaramirim começou a descarrilhar os vagões, e ele estava na máquina, quando ele viu a máquina também ia caindo ele pulou, mas quando ele pulou já não deu tempo, a máquina passou em cima da perna dele e aí cortou a perna. Ele ficou um ano mais ou menos quase no hospital porque naquele tempo era mais difícil de cicatrizar e tudo, ali acabou a vida dele de trabalhar. Ele se aposentou. (LEMERT, 2009)

Venina Lemert, filha de ferroviário, ao apontar umas das salas do Torreão leste do prédio da Estação Ferroviária, lembrou de seu pai no seu trabalho e consequentemente do acidente que ele sofreu. As memórias são também recortadas muitas vezes pelas agruras que a vida impõe. O lugar de trabalho, lugar de memória, também é lugar de saudades e já foi palco de tristezas e sofrimento. A história de um trabalhador e seu acidente de trabalho torna-se patrimônio não só individual, mas nesse caso coletivo. Quantas pessoas se envolveram no resgate, no acidente? Quanto tempo o trem ficou parado? Como foi a recuperação do operário adoecido? Que reflexos esse acidente de trabalho teve na família do ferroviário? Esses questionamentos foram, durante o processo de pesquisa e desenvolvimento do projeto Encontros com a Memória, muitas vezes levantados e argüidos. Porque a história se faz e se refaz dentro da edificação ao se reinventar o passado.

José Vanzuita (2009), telegrafista aposentado relembro por meio dos Encontros que sua convocação para Segunda Guerra Mundial foi interrompida porque foi acometido de uma conjuntivite antes de sua viagem. Melancolicamente, assistiu inúmeros pracinhas viajarem para a Europa. Assim, como inúmeros familiares, namoradas e noivas se despedirem dos seus amados e seus entes queridos muitas vezes pela última vez. Vanzuita, ainda hoje chora ao pisar na plataforma da antiga Estação e lembrar sua história.

As histórias rememoradas também são de amores e finais felizes. José de Mira (2009), telegrafista conta que conheceu sua esposa na Estação. “Namoramos e casamos como manda o figurino” diz ele. Suas histórias são alegres e de peripécias. Mira conta que mexia e falava das garotas na Estação em código Morse com seus colegas de trabalho.

Os Encontros com a Memória foram o exemplo mais concreto de que atrás da “pedra e cal”, entre os objetos e as estruturas físicas dos espaços museais há sempre a presença humana e a lembrança de quem viveu suas próprias histórias e, agora ao serem narradas e registradas se tornam domínio público. Patrimônio cultural que traduz uma época, um lugar e várias histórias. Aparentemente algumas memórias são diferentes e singulares, mas, altamente coletivizados na sua essência e atuação. Conhecer o outro para saber o que somos. Aquilo que fomos em um passado de outrora, imprime o que seremos daqui para frente. Esse é o sentido da educação patrimonial. Reproduzir-se como afirma Ecléa Bosi nos fios que tecem a história de gerações.

Portanto, é imprescindível estabelecer trilhos e conexões entre o passado vivenciado por estes indivíduos e o público para que a edificação não se transforme em um lugar fechado em si mesmo. O encontro da memória passada com a memória recente abrirá novos significados e apropriações do patrimônio construído. Entre chegadas e partidas, descortina-se o cenário cultural edificado e personificado pelos trabalhadores e seus familiares retratados e registrados por meio dos Encontros com a Memória.

## **Bibliografia**

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



FERREIRA, Silvio Odilon. **Encontros com a Memória** - Depoimento: Joinville 11 set. 2009

LEICHSERING, Edgar. **Carta**. Datilografada. Barra Velha, Setembro de 2009.

LEMERT, Venina de Miranda. **Encontros com a Memória**. Depoimento: Joinville 11 set. 2009

MANUAL DE APLICAÇÃO DO INVENTARIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. **Como Ler o INRC**. IN: MinC/Iphan. Brasília, 2000.

MIRA, José de. **Encontros com a Memória**. Depoimentos: Joinville abr. 2009.

OLIVEIRA, João. **Encontros com a Memória** – Depoimentos: Joinville 11 set. 2009

SILVA, Nair Lila Zoefeld. **Encontros com a Memória** – Depoimentos: Joinville 13 nov. 2009.

SOUZA, Giane Maria de. **Nos trilhos da Estação**: educação para a preservação do patrimônio histórico e arqueológico. Revista do Arquivo Histórico de Joinville, v.2, n.1, 2008, p.29-40.

\_\_\_\_\_. **No lugar de transição, as memórias ficaram**. In: Jornal A notícia. Joinville 08 ago 2010.

TAGGESEL, Conradine. **Encontros com a Memória** – Depoimentos: Joinville 11 set. 2009

VANZUITA, José. **Encontros com a Memória** – Depoimentos: Joinville 13 nov. 2009.